O filme pacífico de Rodrigo Leão e Scott Matthew no Coliseu de Lisboa

07.11.2016 às 0h21

A aliança luso-australiana deu bons frutos em *Life Is Long*, disco que foi apresentado com serenidade e algumas surpresas no Coliseu de Lisboa. O concerto fez parte da programação do festival Misty Fest

LIA PEREIRA
Jornalista

RITA CARMO
Fotojornalista

Por muitos anos que passem e discos que grave, Rodrigo Leão terá sempre uma salutar tendência para escrever música com filmes – ou, pelo menos, com imagens – dentro. Assim torna a acontecer em *Life Is Long*, álbum que veio maturando com o amigo Scott Matthew ao longo dos últimos anos, editando-o e apresentando-o ao Coliseu dos Recreios neste final de 2016.

Foi perante uma plateia bem composta que a dupla luso-australiana, acompanhada por um *ensemble* de cinco músicos, deu então vida a um disco de emoções fortes mas elegantes; se fosse um filme, o espetáculo de *Life Is Long* poderia ser um épico suave, com passagens mais acaloradas no regresso de Rodrigo Leão à casa-mãe de *Cinema*, ou mais humoradas no muito aplaudido momento a solo de Scott Matthew (a olho nu, diríamos que o cantor, que se apresentou vestido de negro, batalhando a timidez com carisma q.b., terá levado ao Coliseu a fatia mais jovem do público presente).

Entre as canções de *Life Is Long*, comandadas com discrição por Rodrigo Leão, ora no baixo, ora no piano elétrico, a banda ia oferecendo ao público alguns instrumentais; entre a filiação dos anos 80 independentes que o ex-Madredeus nunca rejeitou e alguns arremedos surpreendentes funky, a estrutura intervalada conferiu ao concerto diversidade e equilíbrio, com todos os músicos (João Eleutério na guitarra e no baixo, Carlos Tony Gomes no violoncelo, Marco Alves no trombone e metalofone, Viviena Tupikova no violino e sintetizador e Frederico Gracias na bateria) em harmonia.

Apesar da confessa introversão («Querem que eu fale...», brincou a certa altura), Scott Matthew tem um humor ligeiro que faz perfeitamente as despesas da casa. Algures entre os timbres de Mark Eitzel e Guy Garvey, dos Elbow, a sua voz faz a festa – uma festa melancólica, mas faz. Aliás, foi essa melancolia que o uniu, primeiramente, ao português: Leão e Matthew começaram a trabalhar há cinco anos, no álbum *Montanha Mágica*, num tema recordado, e celebrado, esta noite: «Terrible Dawn».

Há, na voz e na entrega de Scott Matthew, um dramatismo que contraria a sua timidez e que condimenta a relativa contenção da música de Rodrigo Leão. E, ao vivo, as canções ganham sombras e dinâmicas ora soturnas («Enemies»), ora delicadas («The Child», «Nothing's Wrong») que, sempre de forma serena, conquistam o público.

A amizade entre os dois músicos e a gratidão do australiano pela forma como Portugal o tem acolhido (houve até uma dedicatória «camuflada» à família de Rodrigo Leão) foram motivo de celebração ao longo da noite; «Incomplete», escrita também no início da relação de trabalho dos dois, foi anunciada como semente desta colaboração, e o grito solitário de «We love you, Scott!» não ficou sem resposta.

Para os fãs de Mr. Matthew, um dos momentos altos do serão terá sido aquele em que, sozinho com a guitarra acústica, partilhou duas canções do seu disco de versões: a encantora «Smile», de Charlie Chaplin, e «I Wanna Dance With Somebody», de Whitney Houston, com uma nova letra bem inclusiva («Don't you want to dance with me boy... girl... I don't care!», brincou).

«Unnatural Disaster», próxima de um certo gótico do sul dos Estados Unidos, e «Life Is Long», que Matthew revelou ser a sua favorita deste disco, interpretando-a com toda a ternura, fecharam uma noite que deixou bem claro que há um rio de melancolia que corre de Portugal até à Austrália sem nunca transbordar, mas transportando com segurança o talento de dois «barqueiros» de exceção.

PUBLICIDADE